

O CONCEITO DE TRAUMA EM WINNICOTT E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO AMADURECIMENTO EMOCIONAL DO INDIVÍDUO¹

Eduarda Porto Torturelli De Sá²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

A teoria de Donald Woods Winnicott, oferece uma compreensão profunda e detalhada do desenvolvimento emocional humano, enfatizando a importância das relações iniciais na formação da identidade e na capacidade de amadurecimento do indivíduo. Este artigo pretende contribuir para a compreensão da construção teórica winnicottiana, com um foco específico na influência dos eventos traumáticos no desenvolvimento psicológico e na formação da identidade no indivíduo. A teoria winnicottiana propõe que o desenvolvimento emocional saudável de um indivíduo está intrinsecamente ligado à qualidade das suas primeiras experiências relacionais, particularmente aquelas mediadas pela figura materna (ou quem representa essa função para a pessoa em questão). Ele introduz conceitos-chave como a mãe suficientemente boa, o ambiente facilitador e as distinções entre o *self* verdadeiro e o falso *self*, que são fundamentais para entender como o ambiente pode promover ou prejudicar o amadurecimento. O vasto desenvolvimento teórico proposto por ele elucida diversos processos envolvidos no desenvolvimento humano, tornando claro no decorrer de suas ideias, os muitos percursos provenientes da necessidade humana relacional, na busca de ser e continuar sendo. Não obstante a proposta inicial, têm-se a intenção de vislumbrar de que forma a inserção de eventos traumáticos afeta a dinâmica psíquica e os possíveis desdobramentos psicopatológicos dessa inferência experiencial no contexto psicológico do indivíduo. A análise das obras permitiu identificar os contextos em que o trauma pode emergir, e a gama de desdobramentos que podem surgir de falhas ambientais constantes.

Palavras-chave: Ambiente facilitador. Falso Self. Mãe Suficientemente Boa. Trauma. Verdadeiro Self.

THE CONCEPT OF TRAUMA IN WINNICOTT AND ITS CONSEQUENCES ON THE SUBJECT'S EMOTIONAL MATURATION

ABSTRACT:

Donald Woods Winnicott's theory, one of the pillars of modern psychoanalysis, offers a deep and detailed understanding of human emotional development, emphasizing the importance of initial relationships in the formation of identity and the individual's ability

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na linha de pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 11/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 11/11/2025

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: eduardaportotsa16@gmail.com

³ Psicóloga pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br

to mature. This article intends to contribute to the understanding of the Winnicottian theoretical construction, with a specific focus on the influence of traumatic events on psychological development and the formation of identity in the individual. The Winnicottian theory proposes that the healthy emotional development of an individual is intrinsically linked to the quality of his first relational experiences, particularly those mediated by the maternal figure (or who represents this function for the subject in question). It introduces key concepts such as the "sufficiently good mother", the "facilitating environment" and the distinctions between the "true self" and the "false self", which are fundamental to understanding how the environment can promote or harm maturation. The vast theoretical development proposed by Pediatrician and Psychoanalyst Donald Woods Winnicott elucidates several processes involved in human development, making clear in the course of his ideas, the many paths coming from the relational human need, in the search to be and continue to be. Notwithstanding the initial proposal, it is intended to glimpse how the insertion of traumatic events affects the psychic dynamics and the possible psychopathological developments of this experiential inference in the psychological context of the individual.

Keywords: Facilitator environment. False Self. Good Enough Mom. Trauma. True Self.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca ampliar a compreensão da teoria de Donald Woods Winnicott sobre o desenvolvimento do indivíduo detalhando os processos de amadurecimento. O objetivo é esclarecer como os aspectos ambientais e as relações iniciais com os cuidadores primordiais, criam as condições necessárias para a maturação do bebê. Para isso, foi realizada uma análise aprofundada das principais obras do autor, com foco em suas conceituações centrais sobre o amadurecimento. Compreender as possíveis consequências das experiências que atravessam essas fases do desenvolvimento exige, primeiramente, uma abordagem dos conceitos fundamentais da teoria, delimitando os parâmetros para um desenvolvimento saudável.

Serão consideradas as concepções de Winnicott ao que se refere a mãe suficientemente boa, ambiente facilitador, capacidade de brincar e sua concepção de *self* verdadeiro e falso *self*. Por conseguinte, serão abordados os aspectos que norteiam a conceituação de trauma na teoria winnicottiana, buscando estabelecer uma relação de compreensão que viabilize investigar as possíveis implicações do trauma no desenvolvimento psíquico do indivíduo, abrindo margem para estabelecer correlações e desdobramentos psicopatológicos.

Caminhando para o aprofundamento dos conceitos pertinentes ao tema, faz-se necessário compreender a origem do interesse investigativo de Winnicott tendo como norteador o contexto em que sua teoria emerge e a quais questões visa abarcar. O autor inicia sua prática voltada para os cuidados físicos do bebê, uma vez que, sua especialidade inicial foi a pediatria e o atendimento às mães desses mesmos bebês. Assim sendo, mediante a observação clínica sucessiva desses sujeitos, ele infere sobre a relevância proveniente do desenvolvimento emocional dos bebês. O autor torna-se psicanalista e, através de sua vasta contribuição, viabiliza a compreensão deste desenvolvimento através de sua teoria do Desenvolvimento Emocional (Castro, 2010).

O Psicanalista aponta, em sua obra intitulada “A família e o desenvolvimento individual”, que “no universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções” (Winnicott, 2005a, p. 5). A partir disso, elucida-se a existência de um processo evolutivo relacionado a maturação emocional dos indivíduos. Winnicott (2005a) aponta que, mediante a ausência de condições suficientemente boas, tal desenvolvimento poderá não ser realizável ou é realizado com prejuízos. Tais inferências possibilitam compreender que para o autor, o processo de maturação não é exclusivamente proveniente da inaptidão do desenvolvimento, mas também é constantemente atravessado pelo que acontece no mundo externo aos bebês no ambiente em que estão imersos.

É indispensável destacar a relevância da relação mãe-bebê, na concepção de que, a presença da função materna nos primeiros meses de vida, é o que tornará viável a existência psíquica deste bebê no mundo, configurando a primeira experiência relacional vivenciada por esse indivíduo. Winnicott (2005a, p. 24) infere que somente na presença de uma mãe suficientemente boa uma criança terá condições suficientes para “[...] iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real”, pontuando ainda que “[...] se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação [...]”.

A importância do ambiente suficientemente bom se estende além da relação mãe-bebê, afetando o desenvolvimento emocional em longo prazo (Dias, 2021). Winnicott argumenta que a presença de um ambiente seguro e acolhedor durante a infância é fundamental para que a criança possa explorar o mundo e internalizar a sensação de ser amada e aceita. Esse suporte ambiental permite que a criança

desenvolva confiança em suas capacidades e em suas relações interpessoais, facilitando a formação de um self verdadeiro.

Ademais, serão mapeados os efeitos da inferência do trauma a partir de constantes fracassos ambientais experienciados no período da dependência absoluta, verificando de que forma tais eventos rompem com o amadurecimento saudável da criança em relação ao período maturacional.

2 CONTEXTUALIZANDO A TEORIA WINNICOTTIANA

M. Masud R. Khan, que foi analista de treinamento de Winnicott, apresenta o mesmo na introdução da obra “Da Pediatria à Psicanálise” (Khan, 2021) como uma figura marcante e autêntica para a psicanálise, destacando a profunda integração entre sua mente e corpo, que se refletia em sua presença clínica e pessoal. Segundo Khan, Winnicott era notável por sua capacidade de estar presente com cada paciente, mantendo uma postura que combinava acolhimento, muita observação e rigor analítico. Essa abordagem permitia que ele se conectasse com seus pacientes de maneira única, adaptando-se às suas necessidades sem perder sua autenticidade. Khan pontua que Winnicott “[...] prestava atenção com o corpo todo, e tinha um olhar perspicaz e não invasivo, que nos mirava com um misto de incredulidade e absoluta aceitação” (Khan, 2021, p. 12).

A trajetória de Winnicott inclui sua transição da pediatria para a psicanálise, uma mudança que ele nunca viu como uma ruptura, mas como uma extensão natural de seu trabalho com crianças. Winnicott pontua essa perspectiva quando diz “[...] nunca cheguei a romper com meu ponto de partida, a prática pediátrica [...]” (Winnicott, 2021, p. 9). Desde o início de sua carreira, Winnicott manteve suas raízes na pediatria, o que lhe forneceu uma perspectiva valiosa sobre o desenvolvimento infantil. Essa base pediátrica influenciou significativamente sua abordagem psicanalítica, onde ele continuou a valorizar o papel do ambiente e das relações iniciais no desenvolvimento emocional.

Khan ainda aponta que Winnicott viveu um longo período de sua vida submetido a análise (Khan, 2021), o que contribuiu para sua própria compreensão, exacerbando ainda mais sua curiosidade acerca das facetas de sua vida e o desejo de descobrir a si mesmo.

Ao longo de sua trajetória, Winnicott manteve um compromisso com a prática clínica que combinava observações constantes e diretas e uma abordagem empática e disponível. Clare Winnicott, sua esposa, descreve a atenção clínica do autor, quando diz que o mesmo “[...] se esforçava por tornar a consulta significativa para a criança, dando-lhe alguma coisa para levar e que pudesse ser utilizada e/ou destruída” (Winnicott, 2022, p. 12). Ele acreditava que a pediatria e a psicanálise poderiam se complementar, oferecendo uma visão integrada que destacava a importância do cuidado emocional desde os primeiros anos de vida. Esse enfoque em unir práticas e teorias distintas permitiu que Winnicott desenvolvesse uma abordagem única, que continua a influenciar a prática psicanalítica contemporânea, especialmente nas áreas relacionadas ao cuidado infantil.

A teoria winnicottiana adota uma perspectiva autêntica sobre o desenvolvimento humano, enfatizando a importância das primeiras interações entre a função materna e o seu bebê. Winnicott trouxe para a psicanálise uma visão que combina suas observações práticas sobre a infância com conceitos psicanalíticos, integrando o cuidado físico e emocional como pilares do desenvolvimento. Para ele, o desenvolvimento saudável da criança está intimamente ligado à qualidade do ambiente em que ela está inserida, especialmente no que diz respeito às respostas do cuidador primário às suas necessidades emocionais e físicas. O autor aponta ainda que, o apoio egoico proveniente do cuidado materno “possibilitara ao bebê viver e se desenvolver, a despeito de ainda não ser capaz de controlar ou se sentir responsável pelo que ocorre de bom e de mau no ambiente” (Winnicott, 2020, p. 59).

Deste modo, encontra-se no centro de sua teoria o conceito de ambiente suficientemente bom, que se refere a um ambiente que, mesmo sem ser perfeito, é capaz de proporcionar segurança e previsibilidade ao bebê. Esse ambiente é essencial para a construção de uma base emocional sólida. A partir dessa base, Winnicott introduz a ideia de *holding* ou sustentação, que vai além dos cuidados físicos, abrangendo também o suporte emocional necessário para que o bebê se sinta seguro para explorar o mundo. Neste sentido, o autor aponta que:

[...] No início, entretanto, é o segurar físico da estrutura física do bebê que fornece uma condição psicológica boa ou ruim. Segurar e manusear bem facilita os processos de amadurecimento, enquanto segurar mal implica irrompê-los repetidamente em decorrência das reações do bebê ante falhas na adaptação (Winnicott, 2020, p. 57).

O *holding* envolve a capacidade do cuidador de antecipar e atender às necessidades do bebê de forma sensível e consistente, o que permite à criança começar a confiar em si mesma e no ambiente ao seu redor. De acordo com a teoria winnicottiana “nenhum bebê, nenhuma criança, pode vir a tornar-se uma pessoa real, a não ser sob os cuidados de um ambiente que dá sustentação e facilita os processos de amadurecimento” (Dias, 2021, p. 124). O autor cita ainda que “[...] a base da personalidade está se constituindo bem quando o bebê é segurado bem o suficiente.” (Winnicott, 2020, p. 58).

O estágio inicial do processo de amadurecimento emocional é caracterizado pela dependência absoluta do bebê em relação ao cuidador primário. Nesse período, o bebê ainda não possui uma percepção de si separado do ambiente, encontrando-se em uma condição de total vulnerabilidade e dependência para satisfazer tanto suas necessidades físicas quanto emocionais. Winnicott aponta que “[...] no início da vida os bebês são criaturas dependentes ao extremo, tudo que acontece necessariamente os afeta” (Winnicott, 2005b, p. 74). A mãe ou cuidador funciona, portanto, como uma extensão do próprio bebê, regulando suas experiências e oferecendo uma sensação de continuidade e segurança, aspectos indispensáveis para o desenvolvimento psíquico inicial. Esta constante adaptação da mãe (ou indivíduo que exerce essa função) com as necessidades do bebê, é chamada por Winnicott de “preocupação materna primária”. Esse ambiente acolhedor e consistente, permite ao bebê internalizar experiências de cuidado e estabilidade, formando uma base sólida para as transições futuras em direção à autonomia e ao desenvolvimento do self.

O trauma, dentro dessa perspectiva, ocorre quando há uma falha significativa no ambiente que deveria prover segurança e previsibilidade. Para Winnicott (2005a), experiências de interrupção brusca na continuidade do cuidado podem ser sentidas pelo bebê como uma ameaça de desintegração. O bebê, nesse estado de dependência absoluta, ainda não possui recursos internos para lidar com a frustração ou ausência, e quando exposto a uma falta de suporte emocional, vivencia o que Winnicott denomina de colapso não integrado. Esse tipo de experiência é traumatizante porque o bebê não tem condições de elaborar ou de contextualizar o que está ocorrendo; ele apenas sente a ausência de suporte e o desamparo total, resultando em medo intenso de aniquilação psíquica.

Ao evoluir para o estágio de dependência relativa, a criança começa a perceber uma distinção gradual entre si e o ambiente, identificando a figura do cuidador como

algo externo. Nesse processo, ainda é essencial o suporte constante de um ambiente seguro e acolhedor que possibilite à criança lidar com as primeiras experiências de separação. Durante essa fase, o cuidador permanece um ponto de referência, fornecendo apoio emocional e ajudando a criança a regular suas emoções diante de situações desafiadoras, como breves ausências e pequenas frustrações. É nesse estágio que a criança começa a desenvolver uma maior capacidade de autorregulação emocional e começa a explorar o mundo com um pouco mais de independência, pois o vínculo afetivo com o cuidador proporciona a base segura necessária para que ela avance rumo a uma autonomia crescente. Desta forma o "[...] desenvolvimento da criança começa na absoluta dependência e avança - de forma consistente, tateando níveis de dependência cada vez menores - rumo a independência" (Winnicott, 2005b, p. 74).

Dada esta fase do amadurecimento, têm-se a capacidade do bebê de ficar só na presença do outro, que é construída a partir da repetição de experiências em que o bebê consegue sentir-se seguro mesmo em momentos de afastamento do cuidador. É a presença confiável e previsível da mãe (ou cuidador que exerça essa função) que permite ao bebê explorar suas primeiras experiências de solidão sem que isso se torne um estado de angústia ou medo. Em casos em que o trauma se instala devido à falha do ambiente, essas experiências de solidão não são internalizadas como seguras, mas sim como assustadoras. Assim, para o bebê que sofre com o trauma do abandono ou da ausência inesperada, o estar só não representa uma conquista, mas sim uma ameaça de fragmentação psíquica.

À medida que a criança desenvolve uma maior capacidade de autorregulação e integração psíquica, ela se aproxima do estágio de independência, onde a necessidade de suporte direto do cuidador começa a diminuir. Esse é um momento em que a criança já pode experimentar um senso de individualidade mais sólido, reconhecendo o cuidador como uma figura separada de si, mas ainda mantendo uma ligação afetiva essencial. Essa fase marca o início da exploração mais autônoma do mundo externo, sustentada pela internalização da segurança que foi transmitida pelo cuidador nos estágios anteriores. A independência aqui não implica uma ausência de vínculo, mas sim uma nova forma de relação em que a criança, agora mais autossuficiente, sente-se confiante para enfrentar desafios e buscar experiências fora do núcleo familiar imediato, sabendo que tem um suporte emocional internalizado.

Todo esse processo, quando realizado de forma suficientemente boa, culmina na conquista do objeto transicional. Winnicott pontua de forma quase poética que:

[...] Tudo isso é possível principalmente porque a dependência - absoluta no início, mas que tateia rumo à independência - foi aceita como um fato e satisfeita por seres humanos que se adaptaram as necessidades do bebê em crescimento, sem ressentimentos, graças a um sentimento rudimentar de pertencimento que podemos, convenientemente, chamar de amor (Winnicott, 2020, p. 78).

A partir dessa sustentação inicial, Winnicott explora como a criança começa a se relacionar com o mundo externo através do uso de objetos transicionais. Esses objetos, como um cobertor ou brinquedo especial, funcionam como uma ponte entre o conforto oferecido pelo cuidador e o mundo exterior, ajudando a criança a lidar com a ausência do cuidador e a transitar para uma maior independência. Winnicott considera que o bebê pode utilizar o “objeto transicional para fazer as vezes da mãe, enquanto o objeto subjetivo está vivo, é real, suficientemente bom e não muito persecutório” (Dias, 2021, p. 308). O conceito de objeto transicional é crucial, pois marca o início do reconhecimento da distinção entre o *self* e o mundo externo. Essa transição é um marco no desenvolvimento emocional, evidenciando a capacidade crescente da criança de lidar com a separação e de construir sua própria autonomia.

Conforme a criança avança nesse desenvolvimento, Winnicott introduz o conceito de espaço potencial, que é o espaço intermediário onde a brincadeira e a criatividade florescem. Para Winnicott, a brincadeira não é apenas uma atividade lúdica, mas um espaço essencial para o desenvolvimento do verdadeiro *self*. É no ato de brincar que a criança experimenta a liberdade de explorar e expressar suas emoções e desejos mais genuínos, sem as restrições impostas pela realidade ou pelas expectativas dos outros. Este espaço de brincadeira se estende para a vida adulta, manifestando-se na capacidade de engajar-se criativamente com o mundo e consigo mesmo. O autor ainda cita que: “[...] brincar é uma experiência no continuum espaço-tempo, uma forma básica de viver” (Winnicott, 2020, p. 69).

Por conseguinte, compreender que a teoria winnicottiana se distingue por sua ênfase na interação entre o indivíduo e o ambiente como determinante do desenvolvimento emocional é imprescindível, pois somente através dessa compreensão pode-se inferir o que viria a ser traumático para o sujeito. Ao focar na qualidade das primeiras experiências e na importância da sustentação emocional,

Winnicott oferece um quadro teórico que valoriza a subjetividade do indivíduo e a necessidade de um ambiente que permita a expressão genuína do *self*.

2.1 O AMADURECIMENTO EMOCIONAL DO INDIVÍDUO

Winnicott atribui grande importância ao ambiente primário, ou seja, ao ambiente oferecido pelos cuidadores, especialmente pela mãe. Abram (2000, p. 144) cita que para o bebê, a figura materna é “[...] o primeiro ambiente, tanto em termos biológicos quanto psicológicos”. Em seus estudos, Winnicott introduziu o conceito de “mãe suficientemente boa”, que define a capacidade da mãe em prover ao bebê recém-nascido, uma adaptação constante às suas necessidades emocionais e físicas.

Desviando do pensamento ilusório acerca do que viria a ser a mãe suficientemente boa, o autor pontua que “[...] no que diz respeito ao fato que estamos discutindo, ou seja, a mulher real, temos consciência que o melhor que ela tem a fazer é ser boa o suficiente” (Winnicott, 1952, p. 38 *apud* Abram, 2000, p. 144). A adaptação materna às necessidades desse bebê, que ocorre de forma gradual, é que garantirá que o mesmo tenha um ambiente suficientemente seguro para explorar o mundo e desenvolver suas capacidades psíquicas.

Nos primeiros momentos de vida, a dependência do bebê em relação à função materna é absoluta, e é essa relação de dependência que tornará possível ao bebê sobreviver, ou seja, dependendo literalmente do cuidado contínuo desse cuidador. Esse cuidado contínuo, quando suficientemente bom, permite que a criança internalize um sentimento de segurança. À medida que o bebê cresce e a mãe progressivamente se distancia, o bebê pode começar a experimentar pequenas doses de frustração, o que é essencial para o desenvolvimento emocional saudável. Nesse processo, a mãe ou quem exerce essa função) precisará encontrar o equilíbrio entre atender às necessidades do bebê e permitir que ele comece a lidar com a realidade de forma mais independente. Winnicott pontua que esse processo de adaptação ativa ao bebê, deverá diminuir de forma gradativa “[...] diante da capacidade de ele encarar a falta de adaptação e de tolerar os resultados da frustração” (Winnicott, 2019, p. 24).

Outro conceito central na obra do autor sobre o amadurecimento emocional é a distinção entre o *self* verdadeiro e o *self* falso. Segundo o autor, o *self* verdadeiro é a expressão autêntica e espontânea do verdadeiro eu, distinto do não-eu, de um indivíduo, de modo que a constituição desse *self* aconteça a partir de um “somatório

de experiências” (Abram, 2000, p. 222). Por conseguinte, o falso *self*, acontece no formato de uma defesa. Considera-se, portanto, que o falso *self* “[...] mostra-se como uma estrutura que existe para que possa defender o verdadeiro *self*, mesmo -e especialmente- no que se refere à saúde” (Abram, 2000, p. 227).

O *self* verdadeiro se desenvolve em um ambiente que permite à criança ser quem ela realmente é, sem a necessidade de se adaptar às expectativas externas de forma prematura. Quando o ambiente é suficientemente acolhedor e responsivo, o bebê sente que pode ser ele mesmo, sem a necessidade de construir defesas psíquicas. No entanto, se o ambiente falha consideravelmente em proporcionar essa segurança, a criança poderá desenvolver um falso *self*, ajustando-se ao que esse ambiente a esteja exigindo, para garantir aceitação e adaptação. Isso gera uma desconexão interna, que pode resultar em dificuldades emocionais na vida adulta. Winnicott cita que: “[...] o bebê que é saudável está preparado antes do nascimento para a invasão do ambiente. Ele já experimentou um retorno natural a um estado onde não é preciso reagir, o único estado onde o *self* pode começar a existir” (Winnicott, 1949, p. 183 *apud* Abram, 2000, p. 222).

Um dos aspectos extremamente relevantes da teoria de Winnicott é o conceito de espaço transicional, que está profundamente relacionado à atividade do brincar. Para Winnicott, o brincar não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma função essencial no desenvolvimento emocional da criança. Através do brincar, a criança explora tanto o mundo externo quanto o seu próprio universo interno. É nesse espaço lúdico que ela começa a transitar entre a realidade interna (seus pensamentos, desejos e fantasias) e a realidade externa, sem as pressões de uma adaptação imediata ao mundo concreto. Nesse processo, o espaço transicional surge como um ambiente seguro onde a criança pode experimentar, elaborar e organizar suas emoções, descobrindo formas de se expressar e de interagir com o mundo sem se sentir ameaçada. Esse espaço se torna fundamental para o desenvolvimento do verdadeiro *self*, pois permite à criança integrar de forma criativa suas vivências internas com as demandas externas, construindo assim uma identidade mais sólida e autêntica (Winnicott, 2019).

Winnicott define o brincar como uma atividade essencial para o amadurecimento emocional, uma vez que ele facilita a construção do que o autor chama de espaço potencial – um espaço intermediário entre a realidade subjetiva da criança e o mundo objetivo. Esse espaço, que também é transicional, permitirá à

criança experimentar a realidade de forma criativa e gradual, estabelecendo uma ponte entre a fantasia e a realidade externa. Através do brincar, a criança pode expressar seus medos, angústias e desejos, processando-os de maneira simbólica. O autor pontua a relevância do brincar, inferindo que:

[...] o brincar promove o crescimento e, portanto, a saúde; brincar leva aos relacionamentos de grupo; brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia e, por fim, a psicanálise foi desenvolvida como uma forma altamente especializada de brincar, em prol da comunicação consigo mesmo e com os outros (Winnicott, 2019, p. 60).

Entre as nuances experienciadas pela criança em seu processo de amadurecimento, têm-se o papel fundamental do objeto transicional, que é um dos pilares centrais da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott. Esse objeto, que poderá ser um brinquedo, um cobertor ou qualquer item com valor emocional significativo para a criança, desempenha um papel crucial no processo de separação gradual da dependência materna rumo à autonomia. Para Winnicott, o objeto transicional serve como um elo entre a mãe e o bebê, proporcionando à criança uma forma simbólica que torne suportável lidar com os períodos de ausência da mãe. A criança, ao investir emocionalmente nesse objeto, inicia um processo de externalização e internalização de suas experiências, permitindo-lhe construir sua própria individualidade de forma segura. Esse objeto não é simplesmente um item material, mas um instrumento fundamental para a elaboração de sua experiência emocional, promovendo uma transição saudável do mundo de fusão com a mãe para uma relação mais independente e autônoma com o mundo externo (Winnicott, 2019).

Esse objeto facilita a aceitação gradual da realidade externa, permitindo que a criança mantenha sua conexão com o mundo interno de fantasias e desejos. Funciona como uma ponte emocional essencial, mediando as primeiras experiências de separação sem que isso resulte em uma perda abrupta ou traumática. Através do objeto transicional, a criança é capaz de suportar a ausência da mãe e, ao mesmo tempo, começar a organizar suas emoções de maneira mais independente, sem perder a segurança que este elo simbólico proporciona. À medida que seu desenvolvimento emocional avança, o objeto transicional gradualmente perde sua função central. A criança passa por um processo de desinvestimento emocional, que reflete sua crescente capacidade de internalizar experiências e de construir relações mais maduras com o mundo externo. Esse processo não é imediato, mas se

desenvolve conforme a criança fortalece seu senso de autonomia, permitindo-lhe engajar-se com a realidade de forma mais direta e independente, sem a necessidade de intermediários emocionais (Winnicott, 2019).

Ademais, seguindo o prisma do amadurecimento emocional, Winnicott aponta que este é um processo que depende fundamentalmente da qualidade do ambiente em que a criança está inserida. O cuidado materno suficientemente bom, o brincar e o uso de objetos transicionais são elementos essenciais que permitem à criança desenvolver um senso de *self* verdadeiro, uma identidade autêntica e a capacidade de lidar com a realidade externa. O amadurecimento emocional não é apenas uma questão de crescimento físico ou biológico, mas uma jornada complexa de desenvolvimento psíquico, que precisa de um ambiente facilitador para se concretizar. Nesse contexto, o objeto transicional surge como um instrumento vital, pois é através dele que a criança consegue suportar as primeiras frustrações e separações, sem que isso comprometa seu desenvolvimento emocional. Ele permite que a criança faça a transição do cuidado materno constante para uma maior autonomia, enquanto ainda mantém um elo simbólico com o conforto e a segurança que esse cuidado proporciona.

À medida que a criança amadurece, o objeto transicional gradualmente perde sua importância, sinalizando o fortalecimento de sua independência emocional. Esse processo de desinvestimento reflete não apenas a capacidade da criança de se relacionar com o mundo de maneira mais autônoma, mas também a internalização das experiências de cuidado e proteção que moldaram seu senso de *self*. Assim, o desenvolvimento emocional é, para Winnicott, uma construção contínua, profundamente influenciada pelas primeiras interações com o ambiente, mediada pela capacidade da criança de integrar o interno e o externo em sua vivência psíquica (Winnicott, 2019).

3 A INFERÊNCIA DO TRAUMA NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

Na psicanálise winnicottiana, o trauma emocional precoce ocupa um lugar central na compreensão do desenvolvimento psíquico do indivíduo. O trauma, para Winnicott, não é apenas um evento isolado, mas um processo resultante das falhas ambientais contínuas, nas quais o ambiente, não é capaz de prover a assistência necessária para o desenvolvimento emocional, contribuindo para a fragmentação do

self desse indivíduo. A ideia de trauma emocional está diretamente relacionada à incapacidade do ambiente, representado pelo cuidador primário, de responder adequadamente às necessidades emocionais do bebê. Nos primeiros meses de vida, o bebê está em um estado de dependência absoluta e precisa de um ambiente que não apenas satisfaça suas necessidades físicas, mas que também ofereça uma presença constante e emocionalmente responsiva. Segundo Winnicott (2019), é essa presença que possibilita ao bebê integrar suas experiências (através da onipotência) e começar a formar uma sensação coesa de *self*. No entanto, quando o ambiente falha de forma repetida, seja por negligência, ausência emocional ou intrusividade, o bebê experimenta um estado de desintegração psíquica, que é o fundamento do trauma emocional precoce.

Essa falha ambiental é, portanto, um processo experiencial, que não é necessariamente caracterizado por um único evento catastrófico. Muitas vezes, ela se manifesta em pequenas falhas acumuladas ao longo do tempo, nas quais o cuidador, mesmo que presente fisicamente, está ausente emocionalmente no cuidado com esse bebê. Winnicott (2020) ressalta que essa ausência emocional impossibilita que a criança reconheça o cuidador como uma fonte de segurança e estabilidade. Ao contrário, a criança precocemente terá que lidar com a sensação de desamparo e de falta de contenção, o que prejudica profundamente o desenvolvimento de seu verdadeiro *self*.

Quando o ambiente falha de maneira sistemática, o bebê desenvolve mecanismos de defesa que visam à sua sobrevivência. Uma forte característica de defesa é a constituição do falso *self*, que se forma como uma resposta adaptativa a um ambiente percebido como inadequado ou hostil. Para Winnicott (2019), o falso *self* é uma estrutura defensiva que surge como uma maneira de proteger o verdadeiro *self*, na intenção de possibilitar que esse bebê lide com a realidade desfavorável na qual está inserido.

Essa defesa, porém, tem um custo elevado para o desenvolvimento emocional do indivíduo. O falso *self* impede a expressão genuína de sentimentos e necessidades, fazendo com que a criança, e posteriormente o adulto, se adapte às demandas externas à custa de sua autenticidade. Esse processo de adaptação resulta em uma vida emocionalmente empobrecida, na qual o sujeito poderá perder a capacidade de viver de maneira espontânea e criativa. O falso *self*, portanto, não é

apenas uma máscara que oculta o verdadeiro *self*, mas uma estrutura que limita a capacidade do indivíduo de se relacionar de forma autêntica com o mundo.

Winnicott (2019) distingue o falso *self* funcional do falso *self* patológico. O falso *self* funcional surge como uma forma de proteger o verdadeiro *self* em situações nas quais o ambiente não é completamente satisfatório, mas ainda permite algum grau de expressão autêntica. Esse falso *self* é uma adaptação que, embora restritiva, ainda possibilita que o indivíduo mantenha uma vida emocional relativamente saudável. No entanto, o falso *self* patológico, que resulta de traumas emocionais profundos e contínuos, tende a bloquear o acesso ao verdadeiro *self*, podendo levar a sentimentos de irrealidade, vazio existencial e desconexão emocional.

O trauma emocional exerce um impacto significativo no desenvolvimento psíquico e no funcionamento emocional do indivíduo. Quando o ambiente falha em fornecer o suporte necessário, compromete-se a capacidade de o sujeito formar uma identidade integrada, afetando suas relações autênticas com o mundo. O verdadeiro *self*, que deveria se desenvolver em um contexto de apoio, acaba fragmentado, sendo encoberto pelo falso *self*, o que gera uma dissociação entre as emoções genuínas e os comportamentos manifestados.

Essa dissociação entre o verdadeiro *self* e o falso *self* gera uma série de consequências psíquicas que podem acompanhar o sujeito ao longo de toda a vida. Winnicott (2019) descreve que um dos efeitos mais comuns do trauma emocional precoce é o sentimento de alienação. O indivíduo sente-se desconectado de suas próprias emoções, vivendo em um estado de irrealidade, no qual suas ações não parecem refletir suas verdadeiras intenções e desejos. Esse sentimento de alienação pode levar a uma vida marcada por uma sensação de vazio, na qual o sujeito não consegue encontrar sentido ou propósito em suas experiências.

Outro impacto significativo do trauma emocional precoce aparece através da incapacidade de brincar de forma espontânea e criativa. Para Winnicott (2019), o brincar é uma das expressões mais fundamentais da saúde emocional, pois permite que a criança integre seu mundo interno e externo de maneira simbólica e criativa. O brincar é, em essência, uma manifestação do verdadeiro *self*, que explora o mundo de maneira livre e autêntica. No entanto, quando o trauma está presente, a capacidade de brincar é comprometida. A criança que experienciou o trauma, apresenta um estado constante de alerta e defesa, o que impede a espontaneidade necessária para o brincar. Isso se reflete, na vida adulta, aparecendo no formato de uma rigidez

emocional, além de também se apresentar na dificuldade em lidar com situações que requerem uma postura adaptativa, através de um comportamento mais flexível e criativo.

Winnicott (2019) também enfatiza que o trauma emocional precoce não está restrito apenas às falhas no ambiente familiar, mas pode ser agravado por fatores sociais e culturais. Situações como pobreza, guerra ou outras formas de instabilidade social podem intensificar o trauma emocional, uma vez que o sujeito não encontra no ambiente externo um lugar seguro para se refugiar. O ambiente social, assim como o ambiente familiar, tem um papel crucial no desenvolvimento emocional do sujeito, e suas falhas podem exacerbar a sensação de vulnerabilidade e desamparo.

Nesse sentido, a qualidade do ambiente social também deve ser considerada quando se discute o impacto do trauma emocional precoce. Winnicott (2020) sugere que um ambiente social instável, marcado por violência, exclusão social ou falta de apoio comunitário, pode reforçar as defesas psíquicas do falso *self*, dificultando ainda mais o acesso ao verdadeiro *self*. O sujeito, ao não encontrar no ambiente social uma fonte de segurança e estabilidade, pode internalizar essas falhas como ameaças ao seu *self*, o que compromete sua capacidade de se relacionar com o mundo.

No contexto da intervenção, Winnicott (2019) propõe que o processo terapêutico deve recriar, dentro do *setting* analítico, um ambiente suficientemente bom, no qual o paciente possa reviver e elaborar suas experiências traumáticas de forma segura. O analista tem a função de proporcionar uma contenção emocional que permita ao paciente explorar seu verdadeiro *self*, sem o medo de ser rejeitado ou de enfrentar novas frustrações. O processo, portanto, envolve a criação de um espaço de confiança, no qual o paciente possa, gradualmente, superar as defesas do falso *self* e se reconectar com suas emoções e desejos autênticos.

Por conseguinte, têm-se que o papel do analista é, assim, fundamental para o sucesso do tratamento. Winnicott (2019) destaca que o analista deve atuar como uma figura que oferece segurança e estabilidade, ajudando o paciente a reconstruir sua capacidade de confiar no ambiente. Essa relação terapêutica, que recria a experiência de um ambiente suficientemente bom, possibilita que o sujeito possa reviver suas experiências emocionais precoces de forma diferente, desta vez em um contexto de acolhimento e suporte. Essa nova experiência emocional corretiva é essencial para que o analisando possa se reconectar com seu verdadeiro *self* e, assim, recuperar sua espontaneidade e criatividade.

4 CONCLUSÃO

A análise das obras de Winnicott destacou a centralidade das primeiras experiências relacionais para o amadurecimento emocional saudável do indivíduo. A formação e o desenvolvimento de um indivíduo são influenciados por uma série de fatores externos, com ênfase nos eventos da primeira infância, considerados essenciais para a compreensão do conceito de trauma. Na perspectiva winnicottiana, as falhas na provisão de um ambiente suficientemente bom, especialmente durante o período de dependência absoluta, comprometem o curso normal do desenvolvimento infantil. A inadequação da função materna, enquanto mãe-ambiente, é identificada como um fator crucial na gênese do trauma e na interrupção do amadurecimento emocional do bebê. Pode-se compreender que a figura materna é então fundamental nesse processo, pois é justamente ela quem garante a provisão de um ambiente facilitador que permita ao bebê a experiência de continuidade de ser e a emergência do verdadeiro *self*. Quando esse ambiente oferece respostas adequadas às necessidades do bebê, ele é capaz de desenvolver uma identidade coesa e de se relacionar de forma genuína com o mundo. No entanto, quando ocorrem falhas repetidas no ambiente, como a negligência ou a incapacidade de atender adequadamente às necessidades emocionais, o processo de amadurecimento é profundamente comprometido.

Os efeitos dessas falhas não se limitam à infância. Winnicott nos alerta para o fato de que a ausência de um ambiente suficientemente bom impacta toda a vida emocional do indivíduo, dificultando a formação de relações interpessoais autênticas e comprometendo a capacidade de lidar com frustrações e desafios emocionais. Essas falhas no ambiente, especialmente quando traumáticas, podem gerar o desenvolvimento de um falso *self*, uma adaptação defensiva que visa proteger o verdadeiro *self* das pressões externas, mas que impede o indivíduo de viver de forma satisfatória. O trauma emocional, assim, se manifesta como uma ruptura no processo natural de amadurecimento, gerando consequências psicopatológicas que podem persistir ao longo da vida.

Nesse contexto, a psicanálise winnicottiana se apresenta como uma via de reparação, oferecendo um espaço em que o indivíduo pode reviver, de forma simbólica, o ambiente facilitador que lhe faltou. O *setting* analítico atua como um novo

espaço transicional, no qual o sujeito tem a oportunidade de resgatar seu verdadeiro *self*, integrando as experiências fragmentadas causadas por eventos traumáticos. A análise possibilita a reconstituição da continuidade do ser, permitindo que o indivíduo reconstrua um senso de identidade que esteja menos fragmentado e mais próximo de suas emoções genuínas.

Além disso, é importante considerar que o trauma não ocorre apenas em contextos de extrema negligência ou abuso, mas pode estar presente em falhas cotidianas e sutis no cuidado, como a incapacidade de sintonizar-se com as necessidades emocionais do bebê.

O impacto dessas falhas, mesmo em situações aparentemente não traumáticas, pode ser cumulativo, levando à formação de defesas psíquicas que dificultam o desenvolvimento pleno do sujeito. Portanto, a abordagem clínica inspirada na teoria winnicottiana deve levar em conta tanto os traumas evidentes quanto aqueles menos perceptíveis, mas igualmente prejudiciais ao desenvolvimento emocional.

Em conclusão, espera-se que este trabalho tenha contribuído para uma melhor compreensão da teoria winnicottiana no que se refere ao amadurecimento emocional e à complexidade dos efeitos do trauma no desenvolvimento psíquico. Ao trazer à luz aos processos envolvidos na formação do verdadeiro *self* e os obstáculos que surgem em função das falhas ambientais, este estudo também busca reforçar a importância de intervenções terapêuticas que possam promover a integração das experiências fragmentadas e oferecer, ao indivíduo, a possibilidade de reconstruir seu caminho de amadurecimento emocional.

REFERÊNCIAS

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: Dicionário de palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Tradução Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. Trabalho original publicado em 1996.

CASTRO, E. M. de. **A noção de trauma em Winnicott**. 2010. 31f. Monografia (Especialização em Teoria Psicanalítica) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/54456/1/121015_monografia_elisandra_castro.pdf. Acesso em: 30 maio 2024.

DIAS, E. O. **Interpretação e manejo na clínica winnicotiana**. 4. ed. São Paulo: DWWeditorial, 2021.

KHAN, M. M. R. Introdução. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução Davy Bogomoletz. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 10-61. Trabalho original publicado em 1957.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. Trabalho original publicado em 1958.

WINNICOTT, D. W. **Bebês e suas mães**. Tradução Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Trabalho original publicado em 1987.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução Davy Bogomoletz. São Paulo: Ubu Editora, 2021. Trabalho original publicado em 1957.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Tradução Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019. Trabalho original publicado em 1971.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (*Breakdown*). *In*: WINNICOTT, D. W.; SHEPERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005b. p. 70-76. Trabalho original publicado em 1963.

WINNICOTT, D. W. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Trabalho original publicado em 1983.